

**A REBELIÃO CONTRACULTURAL:  
RAUL SEIXAS E O MOVIMENTO DA SOCIEDADE ALTERNATIVA.**

*Luiz Alberto de Lima Boscato*

*“O anarquismo, Bruxo, o nosso, provém de uma energia antropológica... A que produz as mutações culturais e comportamentais humanas”.*

(Do romance *Coiote*, de Roberto Freire).

A partir da segunda metade da década de 60, jovens de diversas partes do mundo iniciaram um conjunto de movimentos de um tipo diferenciado de rebelião juvenil que ficou conhecido pelo nome de Contracultura.

As versões da mesma que se manifestaram no Brasil, formaram-se em um contexto específico do nosso país. A década de 60 havia se iniciado com "um grande projeto coletivo pela emancipação nacional, pelo menos no plano do espírito, e se isso não fosse de todo também possível, nos planos mais concretos, o econômico, o social<sup>1</sup>".

Em relação a este tema, convém citar a fala do Prof. Dr. Marco Antônio Guerra:

*“Para melhor entendermos a Cultura Brasileira na década de 70 deveríamos nos reportar à década de 60, visto que muitos processos culturais desenvolvidos durante o governo militar têm suas origens ou são consequências do período anterior.*

*O Brasil pré-64 é, antes de mais nada, um país eufórico. Eufórico com as possibilidades de mudança geradas no pós-guerra com a implantação popular no cenário político – nos primeiros anos da década demonstra que talvez em poucos momentos da história brasileira as chamadas “forças progressistas” tivessem se visto tão próximas do poder político<sup>2</sup>”.*

Tal expectativa positiva se adequava à idéia de que havia um "sentido evolutivo da História", tão cara aos marxistas do período, entre os quais o ativista contracultural brasileiro Luiz Carlos Maciel. Mas esta visão linear e evolutiva havia sido dramaticamente quebrada por um fato até então impensável, o golpe militar de 1964 e o “segundo golpe”, que veio através do Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968:

---

<sup>1</sup> Conferir Luiz Carlos Maciel, *Anos 60*, Porto Alegre, L&PM, 1987, p. 11.

*“Não podíamos conceber uma coisa dessas, mas aconteceu em 64. E quando aconteceu, pensou-se que aquilo fosse um acidente de percurso. Aquilo era uma coisa que tinha acontecido fora da marcha natural da história porque o nosso pensamento de esquerda, que era baseado em Marx, naturalmente, ele dependia de se acreditar que a história tinha um sentido. E 64 vinha desmentir esse sentido”. (E 1968) “para a minha geração, foi um momento de perda da ilusão, foi uma desilusão revolucionária muito profunda que não tinha acontecido em 64”. Foi então que a idéia hippie de formar uma sociedade alternativa, de viver à parte da sociedade de gente institucionalizada e com os seus próprios valores, surgiu da própria impossibilidade de se integrar nessa sociedade vigente. Ela de uma certa forma expulsou os seus membros mais jovens. E esses membros mais jovens, também desiludidos e chocados com seu fracasso de entender a realidade, descobriram que havia uma experiência individual, subjetiva, particular que os permitia ver a realidade de uma outra maneira. Uma maneira (...) em que as coisas se explicavam de um modo mais imediato. E essa maneira se tornava possível pela ingestão de drogas alucinógenas”, ou seja: do LSD<sup>3</sup>.*

Segundo a Profa. Dra. Sônia Regina Guerra:

*“Uma das manifestações mais importantes dessa mudança foi a atitude tropicalista que, recusando o discurso da esquerda, não faz uma opção política contrária a essa: prefere não ter qualquer preocupação em enquadrar-se em nenhuma tendência política, optando por criticar violentamente qualquer tipo de autoritarismo, venha de onde vier. Sua descrença é em relação à idéia da tomada de poder e à idéia de que alguma revolução possa trazer um futuro promissor. Sua preocupação é com o momento presente, com a necessidade de revolucionar o comportamento, de “agitar” o corpo e romper a inflexibilidade da atitude política “bem comportada” e reprimida. (...) a Tropicália, não só na música como no teatro, foi buscar nas raízes da modernidade de 22 e no Antropofagismo de Oswald de Andrade os elementos nacionais que a compunham<sup>4</sup>”.*

---

<sup>2</sup> Conferir o texto do Prof. Dr. Marco Antonio Guerra, “Cultura Brasileira na Década de 70: A Apologia da Metáfora”, p. 76. No final deste trecho, ele cita a fala de Heloísa Buarque de Hollanda e Marcos A. Gonçalves, op. cit., p. 11.

<sup>3</sup> Conferir Luiz Carlos Maciel no debate “Existe uma ideologia de Contracultura?”, in: Revista *Temporaes* Especial nº 2 – Em Torno da Contracultura, São Paulo, Depto. de História da FFLCH/USP, agosto/1996, pp. 57-58.

Como se vê, apesar de certos elementos de ruptura, a Tropicália buscava, por outro lado, uma relação de continuidade. O desejo da retomada da linha evolutiva da música popular brasileira também vai aparecer nas entrevistas concedidas por Caetano Veloso à *Revista Civilização Brasileira* em 1966:

*“Só a retomada da linha evolutiva pode nos dar uma organicidade para selecionar e ter um julgamento de criação. (...) Aliás, João Gilberto para mim é exatamente o momento em que isto aconteceu: a criação, na renovação, no dar um passo à frente da música popular brasileira. Creio mesmo que a retomada da tradição da música popular brasileira deverá ser feita na medida em que João Gilberto fez. Apesar de artistas como Edu Lobo, Chico Buarque, Gilberto Gil, Maria Bethânia, Maria da Graça (que pouca gente conhece) sugerirem esta retomada, em nenhum deles ela chega a ser inteira, integral<sup>5</sup>”.*

A Tropicália como movimento durou pouco, de outubro de 1967 até a edição do AI-5, em 13 de dezembro de 1968, após o qual Gilberto Gil e Caetano Veloso foram expulsos do Brasil<sup>6</sup>, teve a sua importância para a abertura de caminhos a novas possibilidades dentro do cenário artístico nacional.

Caetano Veloso voltaria temporariamente ao Brasil em agosto de 1971, retornando definitivamente em 11 de janeiro de 1972<sup>7</sup>, quando outros ativistas contraculturais estavam começando a despontar. Entre eles, ganhou destaque o cantor e compositor baiano Raul Seixas, que há anos vinha lutando para se estabelecer no cenário artístico nacional com um trabalho voltado para o rock'n roll, misturando-o com influências da música nordestina.

Ao contrário de Caetano Veloso, Raul Seixas reivindicava a ruptura com a “linha evolutiva da música popular brasileira”:

*Acredite que eu não tenho nada a ver  
Com a linha evolutiva da música popular brasileira  
A única linha que eu conheço*

---

<sup>4</sup> Conferir “A Prova de Fogo”, texto da Profa. Dra. Sônia Regina Guerra, Capítulo III de sua tese *Geração de 69 no Teatro Brasileiro – Mudança dos Ventos*, pp. 143-144. A tese se encontra na Biblioteca da ECA. Foi orientada por Maria Aparecida Baccaga e Timochenco Wehbi e defendida em 30/08/1988 na ECA/USP.

<sup>5</sup> Conferir Heloísa Buarque de Hollanda e Marcos A. Gonçalves, *Cultura e Participação nos Anos 60*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1982, pp. 54-55.

<sup>6</sup> Conferir a apresentação elaborada por Tárík de Souza à obra de Carlos Calado, *Tropicália: A História de Uma Revolução Musical*, São Paulo, Editora 34 Ltda., 1997.

<sup>7</sup> Idem, *idem*, pp. 283-284.

*É a linha de empinar uma certa bandeira*<sup>8</sup>

Percebe-se que esta estrofe foi uma resposta direta ao Caetano, em um dos muitos episódios que marcariam a constante briga de posicionamentos entre os dois artistas baianos. Além do mais, a aderência mais declarada ao rock'n roll por parte de Raul ajudaria a aumentar ainda mais o distanciamento estético e temático entre os dois artistas baianos.

A “ruptura com a bandeira” que Raul Seixas propunha era algo mais profundo do que um protesto imediato contra a ditadura militar, abrangendo áreas que os historiadores costumam chamar de “elementos de longa duração”: aqueles valores e comportamentos que permanecem arraigados no inconsciente individual e coletivo por séculos, apesar de todas as transformações culturais e sociais e apesar mesmo das revoluções políticas que apenas mudam os sistemas econômicos, sem mudar a essência dos conceitos mentais. Raul Seixas quebrava a seqüência das “bandeiras” que normalmente apareciam na música popular brasileira com a discussão de temas considerados “exóticos” pelos setores mais convencionais da nossa cultura, como as idéias do mago inglês Aleister Crowley e o anarquismo encaminhado para uma proposta de potencialização da individualidade. Mais do que à ditadura política, Raul se contrapôs a toda uma ditadura mental de valores até então considerados “sagrados” que pesavam sobre as nossas cabeças, procurando modificar o sistema social em que vivemos a partir do mundo interior das pessoas.

Esta revolução total dos valores deveria ser implementada a partir das ações do cotidiano mas visando a uma escala mundial, pois a Contracultura como um conjunto de movimentos libertários e ecléticos, possuía um caráter universalista e internacionalista. Segundo Toninho Buda, que foi amigo pessoal do roqueiro, a Contracultura é “o nome genérico da Sociedade Alternativa<sup>9</sup>”. Raul Seixas estava muito ligado nas discussões que se davam no cenário internacional durante este período e as trouxe para cá de uma maneira singular.

Raul Seixas iniciou as suas atividades mais nitidamente militantes com uma passeata pelo centro do Rio de Janeiro em 7 de junho de 1973, pouco depois de haver conhecido o parceiro artístico com que ele trabalharia por vários anos, Paulo Coelho<sup>10</sup>. Nesta manifestação pública ele cantou *Ouro de Tolo*<sup>11</sup>, que era uma verdadeira bofetada nos valores da classe média que havia aderido ao Brasil ufanista do “milagre econômico” programado por Delfim Netto e sua equipe em meio ao governo ditatorial do General Médici.

---

<sup>8</sup> Conferir a canção *As Aventuras de Raul Seixas na Cidade de Thor*, composta por Raul Seixas, que faz parte do LP *Gita*, PHILIPS, 1974.

<sup>9</sup> Conferir o artigo de Toninho Buda: “Viva! A Sociedade Alternativa Está Viva!”, na coletânea *Raul Seixas: O Trem das Sete*, São Paulo, Nova Sampa Diretriz Editora Ltda., 1994, p. 113.

<sup>10</sup> Conferir a *Cronologia* montada por Sylvio Passos, in: *Raul Seixas: Uma Antologia*, Sylvio Passos & Toninho Buda, São Paulo, Martin Claret, 1992, pp. 95-96.

<sup>11</sup> Composta por Raul Seixas, faz parte do LP *Krig-ha Bandolo*, lançado pela PHILIPS/PHONOGRAM em 1973.

As atividades do anarquismo alternativo que tinham em Raul Seixas a figura de referência essencial direcionaram-se contra a postura conformista que possibilita a manutenção de todo e qualquer regime autoritário, em qualquer parte do mundo. E isto incluiu uma contestação aos poderes em suas diversas escalas, ou seja:

- A dos micropoderes do nosso mundo cotidiano, que incluem desde o pai ou o marido autoritários até os fascismos espirituais das religiões que afirmam que o ser humano deve reprimir o corpo e a mente para conseguir um “pedacinho do céu”.

- A dos macropoderes do Estado, seja ele capitalista pseudo-democrático ou socialista autoritário, o que inclui as instituições que legitimam o Estado, como as Forças Armadas, por exemplo.

Neste contexto onde qualquer opinião discordante poderia ser severamente punida, fez sentido o grito libertário de Raul Seixas: “Faze o que tu queres, há de ser tudo da Lei”, que na verdade foi retirado do *Livro da Lei*, escrito por Aleister Crowley em 1904.

Para historicizar melhor este movimento, vou expor alguns fatos. Em “21 de julho de 1973, é lançado o LP *Krig-Ha bandolo!*, primeiro pela Philips, com show no teatro Tereza Raquel, no Rio<sup>12</sup>”. A expressão *Krig-Ha Bandolo!* era o grito de guerra do Tarzan, e significa: “Cuidado, aí vem o inimigo”<sup>13</sup>. Sem dúvida, naquele período, é provável que tal expressão possuísse um sentido metafórico.

Em “26 de setembro de 1973, estréia seu primeiro show em São Paulo, no Teatro das Nações, no qual foi distribuído o gibi/manifesto *A Fundação de Krig-Ha*, de autoria de Raul Seixas e Paulo Coelho, com desenhos de Adalgisa Rios. Têm início as atividades da Sociedade Alternativa<sup>14</sup>”.

A tendência da aliança entre uma militância artística e um discurso místico, característica marcante da Contracultura, começaria a destacar-se no trabalho de Raul Seixas. Este é um dos pontos que mais nos chama a atenção quando se aborda a obra do roqueiro, embora “somente 10% de sua obra” contenha referências ao misticismo e à religião<sup>15</sup>.

O anarquismo da Sociedade Alternativa era bem heterodoxo, incorporando as propostas diferenciadas da Contracultura, e procurou-se lançar como uma via de manifestação para a juventude do período. Segundo Toninho Buda:

“Aos alternativos só restou uma opção intermediária, que não tivesse nem o peso astral

---

<sup>12</sup> Conferir *Raul Seixas: Uma Antologia...*, op. cit., p. 96.

<sup>13</sup> Idem, ibidem, p. 82.

<sup>14</sup> Idem, ibidem, p. 96. Adalgisa Rios era a mulher de Paulo Coelho na época.

<sup>15</sup> Conferir o artigo de Toninho Buda, “Um Estudo Crítico”, in: *Raul Seixas: Uma Antologia...*, op. cit., p. 65.

*da esquerda e nem o peso em gorduras da direita*<sup>16</sup>”.

Podemos encontrar nesta atitude uma continuidade com a proposta do movimento surrealista, que defendia o aprofundamento no conteúdo subjetivo do inconsciente como meio de se movimentar o potencial revolucionário que existe no homem:

*“Com justa razão Freud dirigiu sua crítica para o sonho. É inadmissível, com efeito, que esta parte considerável da atividade psíquica (...) não tenha recebido a atenção devida*<sup>17</sup>”.

Seguindo a tendência contracultural de resgate e de valorização de tudo o que fosse considerado “maldito” pelos setores mais conservadores da sociedade, tal movimento teve como base a chamada *Lei de Thelema* do mago inglês Aleister Crowley (1875-1947)<sup>18</sup>, o qual foi chamado, pelos seus inimigos, de “o pior homem do mundo”. Essencialmente provocador, Crowley gostava de ser considerado “A Grande Besta 666”<sup>19</sup>. Pelo seu embate contra as concepções ortodoxas da religiosidade cristã convencional e pela sua ênfase no homem como centro do “Poder da Vontade”, Crowley foi considerado o “Nietzsche do Ocultismo”:

*“A partir de Crowley, todo o ocultismo mundial foi profundamente modificado. Crowley representa para o ocultismo o que Nietzsche representa para a Filosofia. Ou seja: nós poderemos detestá-lo e combatê-lo. Mas a sua influência, potência e importância como divisor de águas é inegável. A filosofia e o ocultismo se transformaram em outros depois deles*<sup>20</sup>”.

Os discípulos de Crowley são chamados de *thelemitas*, e são representados pela O.T.O. (Ordo Templi Orientis, ou “Ordem dos Templários do Oriente”), organização ocultista da qual Crowley foi o coordenador mundial<sup>21</sup>. Mas o fato que mais nos interessa aqui é a sua formulação da chamada *Lei de Thelema*, ou, em outras palavras: a *Lei do Poder da Vontade*, destinada oferecer novas perspectivas à vida dos homens que estão em sintonia com os ritmos existenciais da Nova

---

<sup>16</sup> Conferir a obra de Toninho Buda, *A Paixão Segundo Raul Seixas*, São Paulo, Anúbis Editores, 1999, p. 82.

<sup>17</sup> Conferir o Manifesto Surrealista escrito por André Breton em 1924, no site <http://breton.cjb.net/>.

<sup>18</sup> Crowley foi buscar a Lei de Thelema nos escritos de François Rabelais. Conferir a sua obra *Gargantua e Pantagruel* (2 Volumes), Editora Villa Rica, 1991.

<sup>19</sup> Conferir Toninho Buda, *A Paixão...*, op. cit., p. 71.

<sup>20</sup> Idem, *ibidem*, p. 51.

<sup>21</sup> Após a morte de Crowley, formaram-se aproximadamente cinco O.T.O.s a partir da organização original. O ramo brasileiro da mesma foi coordenado por Marcelo Motta.

Era, ou *Novo Aeon de Aquário*, a qual seria voltada para a liberdade individual como referência para os valores coletivos. Foi nela que Raul Seixas se baseou para lançar os fundamentos da sua anti-sociedade, cuja primeira manifestação musical foi justamente através da canção *Sociedade Alternativa*<sup>22</sup>.

Como se percebe, este foi um movimento extremamente heterodoxo que, à maneira da Contracultura, juntou temas que até então não eram discutidos de maneira conjunta, como política, sexualidade, espiritualidade, paranormalidade, anarquismo e Magia. A importância do movimento alternativo foi tal que abrangia assuntos até então restritos a círculos fechados de iniciados, à Ufologia ou a Ciências renovadoras do campo de pesquisas sobre a realidade do homem e do Universo, como a Parapsicologia, a Psicologia Analítica de Carl Jung ou a Física trabalhada por pesquisadores como Fritjof Capra, que por sinal dialogou profundamente com o universo da Contracultura<sup>23</sup>.

Em um período de sua vida, na década de 70, Raul Seixas pertenceu à O.T.O. de Marcelo Motta, e à Argentum Astrum, também ligada à Magia de Thelema, sendo que esta chegou a ceder um terreno em Minas Gerais para servir como foco de expansão para a idéia<sup>24</sup>, mas tal processo seria interrompido em maio de 1974, já no governo do General Geisel, pela expulsão de Raul Seixas e de Paulo Coelho do Brasil pela ditadura militar, que não gostou nem um pouco da idéia de se criar uma Sociedade Alternativa baseada no lema thelemita “Faze o que tu queres, pois é tudo da Lei”.

O encaminhamento que Raul Seixas ofereceu ao *Livro da Lei* de Aleister Crowley direcionou-se mais para uma plataforma de ação política com ênfase na individualidade e na liberdade humanas do que propriamente para uma vertente ritualística, embora o caldeirão ideológico da Contracultura não costume separar uma coisa da outra. Foi desta maneira que em canções como *Novo Aeon*, lançada em LP homônimo no ano de 1975<sup>25</sup>, Raul Seixas, que a compôs junto com Marcelo Motta e Cláudio Roberto, canta ao mundo a necessidade de nos rebelarmos contra os mandonismos quôtidanos:

*Em cada dia ou em qualquer lugar  
um larga a fábrica, outro sai do lar  
E até as mulheres dita escravas  
Já não querem servir mais*

Paulo Coelho seguiria, a partir de meados da década de 80, um caminho bem diferente,

---

<sup>22</sup> Composta por Raul Seixas e Paulo Coelho, esta canção faz parte do LP *Gita*, lançado pela PHILIPS/PHONOGRAM em 1974.

<sup>23</sup> Conferir a sua obra *Sabedoria Incomum*, São Paulo, Editora Cultrix, 1988.

<sup>24</sup> Conferir a entrevista concedida por Raul Seixas à Revista *Bizz*, da Editora Abril, em março de 1987.

renegando Crowley e a Magia de Thelema e apegando-se novamente àquele tipo mais convencional de religiosidade: a da Igreja católica, sendo por isso criticado por *alternativos* como o cineasta Jairo Ferreira:

*“Hoje, o que ele está fazendo é catecismo da Igreja Católica. Ele é um diluidor de (Carlos) Castañeda, e o Castañeda de que falam tão bem, na verdade não é tão bom assim, porque ele também é um diluidor do budismo.”<sup>26</sup>”*

De qualquer forma, é inegável que houve uma transmutação de valores após a passagem do redemoinho contracultural que se formou a partir dos anos 60, e até hoje, nos anos 90, ainda existem outros movimentos que também se consideram “contraculturas”, como o dos que lutam contra a globalização. Aquela movimentação toda da juventude rebelde permitiu que, ao menos, se criasse um espaço possível de contestação: a egrégora da Sociedade Alternativa poderá ser evocada em todas as ocasiões em que uma ânsia de liberdade for reivindicada contra a tirania de um poder sufocante estabelecido.

**Luiz Alberto de Lima Boscato** é doutorando em História Social pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, onde elabora uma tese sobre a vida e a obra de Raul Seixas.

---

<sup>25</sup> O LP *Novo Aeon* foi lançado pela gravadora PHILIPS / PHONOGRAM.

<sup>26</sup> Conferir a obra de Luciane Alves, *Raul Seixas e o Sonho da Sociedade Alternativa*. São Paulo, Martin Claret, 1993, p. 146.